

A Anta 2 da Herdade dos Cebolinhos (Reguengos de Monsaraz, Évora):

sinopse das intervenções de 1996-97 e duas datações de radiocarbono para a última utilização da Câmara ortostática

VICTOR S. GONÇALVES¹

Para Maria Emília Toscano e para o seu marido, Alexandre, que me acolheram com amizade e boa mesa naquele que era então o seu Monte dos Cebolinhos. E que velaram sempre pela Anta 2, poupando-lhe certamente outras malfeitorias.

R E S U M O

A Anta 2 da Herdade dos Cebolinhos (Reguengos de Monsaraz) é um monumento ortostático de Corredor longo, com um *tholos* anexo ao seu lado esquerdo, entre a Câmara e o meio do Corredor. Os trabalhos de 1996 e 1997 permitiram identificar um nível de deposições funerárias provavelmente “familiares” (dois adultos e uma criança), numa última fase de utilização da Câmara ortostática. Os ossos humanos foram datados, correspondendo, em datas calibradas a dois sigmas, a intervalos de tempo de 2480-2280 e 2450-2150 cal BC.

O *tholos* apresentava-se aparentemente muito bem conservado, com a cúpula tombada para o interior da Câmara, e não foi ainda escavado. No entanto, de entre os derrubes da cúpula, foi recolhida uma pequenina taça muito aberta, idêntica às dos níveis mais antigos do *tholos* OP-2b, datados da primeira metade do III milénio.

É assim possível propor uma sequência para o complexo megalítico: Fase 1, construção e primeira utilização do monumento, talvez nos últimos séculos do IV milénio; Fase 2, utilização do monumento por portadores das placas de xisto gravadas; Fase 3, construção e utilização do *tholos*; Fase 4, deposições “familiares” na Câmara já cheia ou entulhada do monumento ortostático. Se as Fases 1 e 2 existem separadamente, ou são uma só, se o *tholos* tem apenas uma fase de utilização, ou esta se distribuiu por vários momentos, tal apenas será possível de determinar com a escavação integral do monumento. De acordo com os parâmetros das duas datações disponíveis (2480-2280 e 2450-2150 cal BC, a dois sigmas), a última utilização da Câmara ortostática deve ter ocorrido algures no terceiro quartel do III milénio.

A B S T R A C T

Anta 2 of the Herdade dos Cebolinhos (Reguengos de Monsaraz) is a passage grave, with a nearby *tholos* to its left side, between the Chamber and the middle of the Corridor. The excavations conducted in 1996 and 1997 had allowed to identify a level of a probably familiar funerary depositions (two adults and a child), in one last phase of use of

the orthostatic Chamber. The human bones had been dated, corresponding, in calibrated years (two sigmas), at intervals of time of 2480-2280 and 2450-2150 cal BC.

The *tholos* was very well conserved, with the doom overthrown for the interior of the Chamber, and was not yet excavated. However, between the ruins of the doom, was collected a very little, wide opened, cup, very identical to the ones of the oldest levels of the *tholos* OP-2b, dated of the first half of the 3rd millennium. It is thus possible to consider a sequence for the megalithic complex: Phase 1, construction and first use of the monument, maybe in the last centuries of the 4th millennium; Phase 2, use of the monument for carriers of the engraved slate plaques; Phase 3, construction and use of the *tholos*; Phase 4, “familiar” depositions in an already full Chamber of the orthostatic monument.

If Phases 1 and 2 exist separately, or are only one, if the *tholos* had only one phase of use, or if this was distributed by some different moments, that only will be possible to know with the total excavation of the monument. In accordance with the parameters of the two available dating (2480-2280 and 2450-2150 cal BC, by two sigmas), the last use of the orthostatic Chamber must have occurred somewhere in the third quarter of 3rd millennium.

Limiar

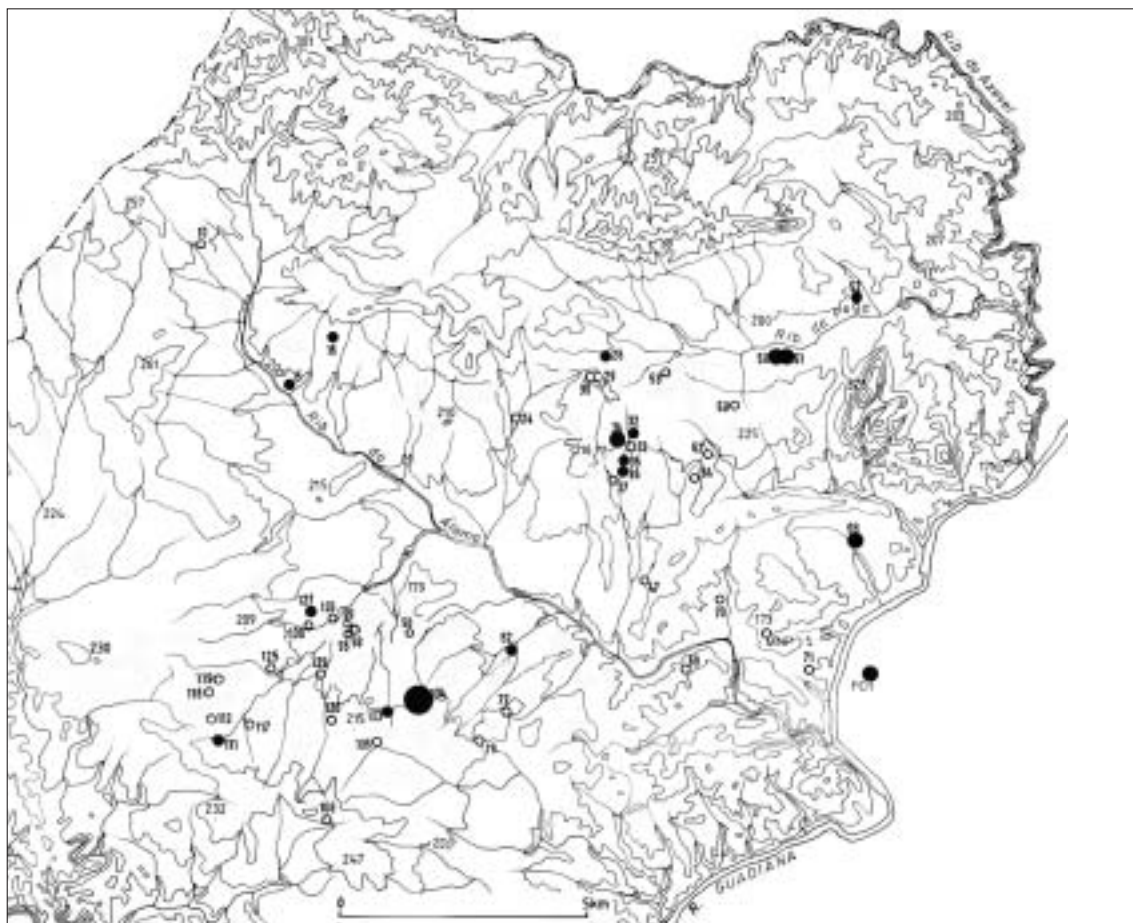
Não me recordo de monumentos megalíticos (salvo talvez a Anta 2 do Olival da Pega) cuja escavação tivesse sido tão sistematicamente obstaculizada por nebulosos procedimentos burocráticos e outros, deles aparentemente decorrentes. Outro facto bizarro conecta as duas “estórias”: tanto em OP-2 como em CBS-2 os processos de classificação emperraram misteriosamente e, iniciado o de OP-2 em 1990 e o de CBS-2 em 1997, um véu de silêncio continua a pesar sobre ambos. Quando, entretanto, monumentos e sítios de muito menor importância, relativa e absoluta, foram efectivamente classificados. Mesmo a classificação não sendo por si só muito importante, como sabemos, não deixa de ser bizarra esta situação. Espera-se que, com a mudança de direcção do IPPAR, esta seja questão brevemente resolvida, de tão óbvia e indiscutível a justificação, mas, como sempre em Portugal, nada é certo.

Já em 2003, com o projecto de STAM-3 praticamente concluído, e com a necessidade de estabelecer correlações para as datas de radiocarbono referentes à última fase pré-histórica do monumento, foi possível efectuar duas datações absolutas para a última fase de uso da Câmara de CBS-2, o momento em que dois adultos e uma criança, acompanhados por diversos artefactos votivos, foram aí inumados.

Espera-se possível recomençar os trabalhos em CBS-2 durante 2004, de onde a urgência de esta notícia, que visa, essencialmente, caracterizar de forma sumária a situação e características do monumento e divulgar duas novas datas para as sociedades camponesas do III milénio em Reguengos de Monsaraz.



Mapa 1 Localização da Anta 2 (e do Grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz) no território hoje português.



Mapa 1 Localização da Anta 2 da Herdade dos Cebolinhos em função dos monumentos já escavados no Grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz. A negro, aqueles onde se registaram placas de xisto gravadas.

Agradeço agora a Ana Catarina Sousa ter-me literalmente obrigado a escrever este texto, a Marco Andrade os desenhos das cerâmicas (excepto a de Corte João Marques, desenhada, em seu tempo, por Pedro Saraiva). As fotografias de exterior e do espólio são de minha responsabilidade, as de campo usando uma Nikon F5 e objectiva 28-70mm 1:2.8 ED, as de gabinete uma Nikon D-100 com objectiva Micro Nikkor 60mm 1:2.8 .

1. A história do monumento, a sua envolvência imediata e primeira caracterização

História e “estórias” de CBS-2

São cinco as antas recenseadas na Herdade dos Cebolinhos e constantes do inventário dos Leisner (Leisner e Leisner, 1951). Os outros sítios correspondem a um povoado da mesma época e a uma necrópole de cistas da Idade do Bronze (Gonçalves, Calado e Rocha, 1992; Gonçalves e Calado, 1990-1991).

A actual situação das cinco antas é, resumidamente, a seguinte:

<i>Designação</i>	<i>Leisner</i>	<i>Coordenadas UTM</i>	<i>Comentário</i>
Cebolinhos 1	103	29SPC 3170.5620	Escavada e publicada
Cebolinhos 2	104	29SPC 3260.5040	Em escavação
Cebolinhos 3	105	29SPC 3240.5050	Escavada e publicada
Cebolinhos 4	106	29SPC 3160.4960	Parcialmente escavada, Corredor por escavar
Cebolinhos 5	107	29SPC 3150.4970	Não escavada, uma oliveira na Câmara

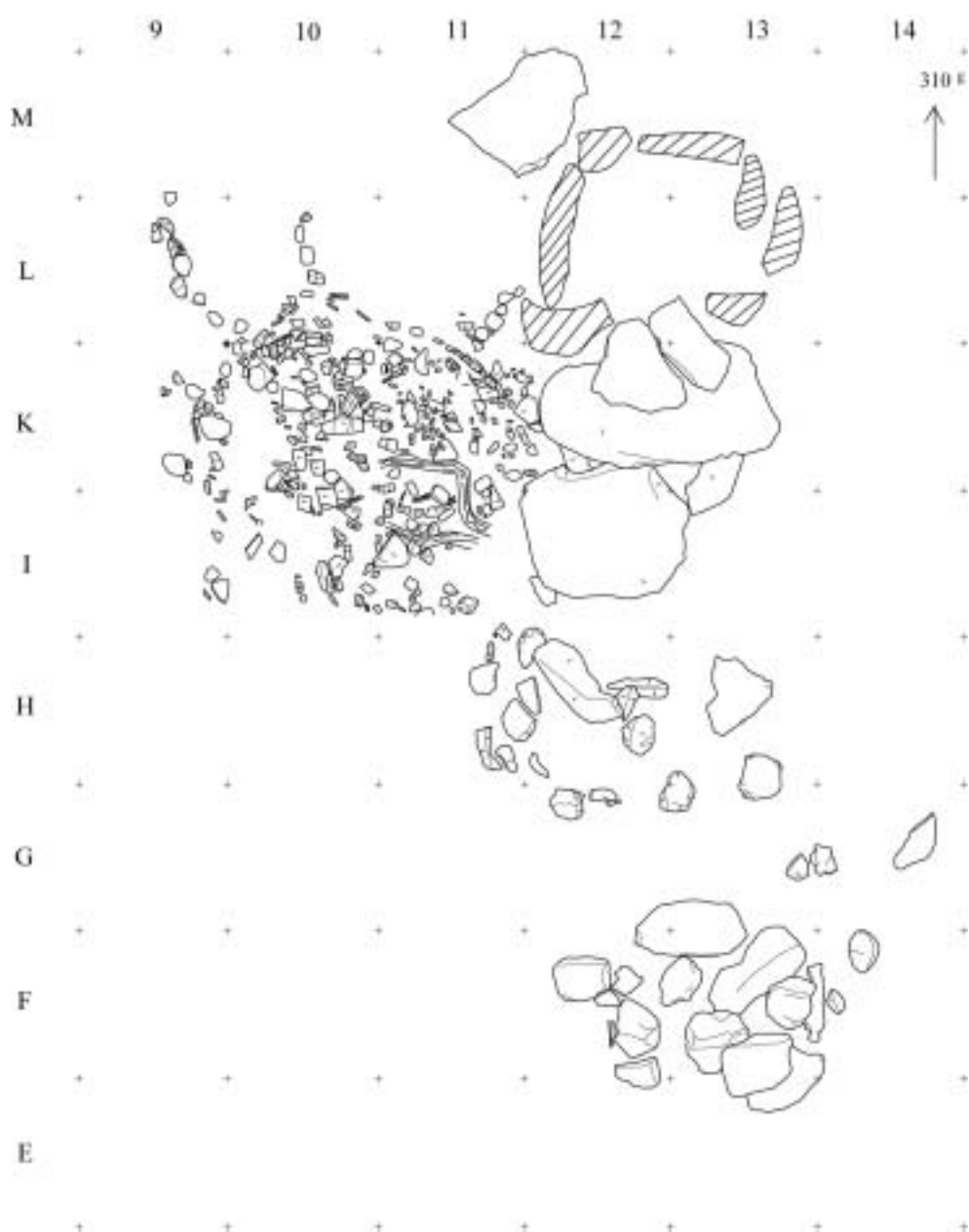


Fig. 1 Planta provisória do complexo megalítico Cebolinhos 2 (CBS-2). À esquerda, a mancha do *tholos* CBS-2b. Quadricula: 2 x 2 m. Orientação do monumento no enfiamento Câmara-Corredor: 210 graus.

Sobre a anta 2, escreveram os Leisner:

“Nº 104 - ANTA 2 DA HERDADE DO CEBOLINHO (Est. XL, 2):

Situação: 600 m. a Leste 35° Norte do Monte do Cebolinho, na berma sul do caminho do Monte do Passo ao Monte do Cebolinho, perto do limite destas duas herdades.

Construção: dólmen de Corredor comprido, compr. total 7,60 m.

Câmara: poligonal, larga, quase rectangular, 2 x 2,90 m de diâm.; a parede da entrada paralela à cabeceira; 7 esteios, todos *in situ*, mas em parte caídos; larg. da entrada 1,20 m. Fragmentos do chapéu na Câmara e em redor da anta.

Corredor: compr. 5 m; ainda tapado por dois enormes e espessos blocos, tendo o do lado da Câmara 3,20 x 1,60 m de diâm. O Corredor está fechado por fora por uma laje atravessada, de 1,30 m de compr., que indica também a orla do *tumulus*.

Tumulus restos apreciáveis conservados. Na superfície do *tumulus*, sobretudo no lado sul da anta, encontram-se fragmentos de lajes de xisto.

Orientação: Este 15° Sul.” (Leisner e Leisner, 1951, p. 280).

Se esta era a situação ligeiramente antes de meados do século XX, na sua última década e nos primeiros anos do século XXI outras histórias devem ser contadas, justificando um novo interesse pelo monumento e a sua atribulada história recente

1. Em 1992, numa saída para verificação do estado das antas das Herdades do Passo e dos Cebolinhos, e procurando informação para um trabalho em construção (Gonçalves, 1995), foi recolhido, junto ao lado direito da entrada do Corredor da Anta 2 desta última Herdade, um grande fragmento de placa de xisto gravada;
2. Em 1994-1995, os tractores do Monte do Passo “adquiriram” o péssimo hábito de “fazer a curva” junto à Câmara da Anta 2 da Herdade dos Cebolinhos, rasando os esteios. Apesar de intervenções directas do proprietário da Herdade dos Cebolinhos, o facto de se tratar de um caminho público, e a indiferença dos tractoristas, conduziu a que fundas marcas ficassem gravadas no terreno e, junto a elas, numerosos fragmentos de lajes de xisto fragmentadas, por vezes mesmo literalmente pulverizadas. Alertei a autarquia, os serviços competentes da então Secretaria de Estado da Cultura e solicitei a vedação do monumento, uma intervenção oficial imediata e o início de trabalhos de investigação;
3. Em Abril de 1996, teve lugar a primeira intervenção no monumento, com custos inteiramente suportados pela UNIARQ (*Unidade de Arqueologia da Universidade de Lisboa*), existindo registos de campo desde 96.04.10, quarta-feira, até 9 de Maio, domingo. Na sequência desta acção, mas só no ano seguinte, o monumento viria a ser, enfim, vedado, ainda que de forma errada, não tendo sido possível coordenar acções da UNIARQ com a delegação de Évora do IPPAR. Foi desequilibrada a área a proteger junto ao caminho, em favor de uma outra, a Este do Corredor;
4. Em Maio e Junho de 1997, e de 5 a 17 de Outubro do mesmo ano, finalmente com o apoio do IPPAR, efectuaram-se intervenções na Câmara, tendo sido concluídos e rectificados os desenhos da planta dos níveis de topo do *tholos* CBS-2b;

5. Em 98.04.20, dirigi ao Presidente da Câmara de Reguengos a seguinte carta, que resume uma grave situação entretanto ocorrida: “Ao fim da tarde de 17 do corrente, a equipa em trabalho na Anta 2 dos Cebolinhos identificou um enterramento na Câmara da anta, delimitado por estruturas verticais de xisto. Devido à presença de ossos humanos no sector, o que, como se sabe, é raríssimo em antas alentejanas, a progressão fez-se mais lentamente do que é habitual e sobrou para Sábado, 18, a conclusão do desenho, fotografia e levantamento dos restos humanos, objectos e artefactos. [§] Na manhã de Sábado, 18, vimo-nos confrontados com a total destruição do enterramento, roubo de um vaso cerâmico inteiro e de outras peças arqueológicas. A terra à volta do *tholos* apresentava inscrições diversas, nomeadamente triângulos (com a forma do signo grego delta). [§] Comunicámos o facto ao posto da GNR de Reguengos de Monsaraz (ver atestado anexo), mas salvo injustiça minha, não me pareceram particularmente entusiasmados com a investigação necessária, quer de ocupantes ocasionais de montes vizinhos, cuja presença assinalámos, quer no próprio lugar do Campinho, a que a GNR se referiu como um sistemático foco de problemas. [§] **Dirijo-me a V. Exa., após alertar o IPA, pedindo que exija imediatamente, por fax e ofício, ao comandante de posto da GNR de Reguengos de Monsaraz um rigoroso inquérito.** Ademais a Campanha terminou e a protecção do sítio é indispensável até que, ainda esta semana, e com o esperado apoio da autarquia, se cubram com terras e pedras as estruturas até à próxima intervenção. Trata-se de um monumento excepcional, com o *tholos* num impressionante estado de preservação e o segundo em Reguengos de Monsaraz a apresentar cerâmica simbólica. [§] Ao mesmo tempo, o próximo início dos trabalhos na área do Alqueva vai disponibilizar aos vândalos um conjunto de monumentos, cuja destruição certamente os entusiasmará, se não se criar a consciência que estão efectivamente sob protecção.”;
6. O processo kafkiano que se desenvolveu a partir daqui é indescritível e o tempo perdido irrecuperável, traduzindo efectivamente o muito pouco interesse que merece entre nós a protecção do património construído ou móvel e a absoluta ineficácia das entidades que deveriam assegurar a identificação e castigo dos infractores. Situação que, aliás, infelizmente, todos conhecemos demasiado bem, veja-se casos recentes, como os Perdígões ou a Torre do Esporão;
7. Com o monumento em vias de classificação, numa iniciativa que solicitei à delegação em Évora do IPPAR, a intervenção no monumento passou a ser de financiamento a assegurar exclusivamente por aquela entidade, de acordo com a divisão de competências entretanto acordada entre aquele organismo e o Instituto Português de Arqueologia. Apesar dos riscos que o monumento corre, e da sua extraordinária importância, não tornou a ser possível obter financiamentos e a situação arrastou-se até hoje. Para além da muita correspondência trocada com o Vice-Presidente do IPPAR, Paulo Pereira, recordo duas reuniões de trabalho (aparentemente conclusivas!!) e documentos referentes a 1999, 2000, 2001 e 2002, todos eles sem qualquer resposta.

A envolvência natural e arqueológica

A paisagem dominante no Monte dos Cebolinhos é a típica da planície “megálítica” de Reguengos de Monsaraz: terreno chão, com grandes afloramentos graníticos, sobreiro e azinheira. O *Quercus suber*, de valor económico diminuto, o *Quercus ilex*, ainda de menor significado.

Actualmente cultiva-se trigo e há uma pequena criação de porcos alentejanos e ovelhas comuns. Os apoios comunitários permitiram ao monte crescer, particularmente em maquinaria, hangares agrícolas, até então inexistentes, mas também na própria área de habitação.

Da actual localização do monte, existem duas linhas de grande visibilidade:

- Apontando a 350^g, para a actual Reguengos de Monsaraz;
- Apontando a 65^g, para Monsaraz.

A informação disponível sobre o megalitismo dos Cebolinhos (Leisner e Leisner, 1951; Gonçalves, 1992, 1999a...) evidencia monumentos muito violados e parcialmente destruídos. Um, justamente Cebolinhos 2, foi objecto de várias violações, cuja extensão não é, porém, determinável. Recolheram-se até hoje restos de 5 placas de xisto com decoração geométrica junto ao monumento. A existência de numerosas lascas de xisto traduzia um *tholos* anexo. A prospecção do povoado produziu escassa informação (Gonçalves, Calado e Rocha, 1992).

Os monumentos dos Cebolinhos colocam, tal como OP-2, entre outros, três tipos de questões:

1. *A satelitização de antas de Corredor por tholoi* (tema já abordado em Gonçalves e Sousa, 2000);
2. *o agrupamento de monumentos*, considerada a proximidade entre Cebolinhos 2 e 3, por um lado, e 4 e 5, por outro, todos eles monumentos relativamente pequenos (tema já abordado, a propósito da Herdade de Santa Margarida, em Gonçalves, 2001a);
3. *a associação dos portadores de placas de xisto gravadas a determinadas fases de construção dos monumentos ortostáticos* (tema abordado em Gonçalves, 2003 e *no prelo*).

Destes cinco monumentos, Cebolinhos 1 e o seu espólio justificam aqui comentário especial. Com efeito, o conjunto artefactual aí recolhido inclui:

1. 15 placas de xisto com decoração geométrica e 16 fragmentos;
2. 3 báculos;
3. contas bitroncocónicas (basalto e xisto verde, provavelmente serpentinito);
4. pratos, taças e vasos carenados;
5. ausência de pedra polida;
6. alfinetes de cabelo (?).

O que configura, basicamente, um equipamento funerário “evoluído”, com raros ou nenhuns artefactos atribuíveis a fins do IV milénio e uma esmagadora maioria, ou mesmo totalidade, integrável na primeira metade do III. A análise das cerâmicas é particularmente significativa: em 23 formas desenhadas pelos Leisner (1951, Est. XXXIII), oito são fechadas e, de entre elas, uma é um vaso carenado, outra uma taça carenada e duas são esferoidais quase globulares (componentes evoluídos da olaria megalítica). Mesmo se esquecermos estes detalhes, a proporção é de 35% de formas fechadas, valor muito diferente de STAM-3, onde se registaram 87% de formas fechadas para 13% de formas abertas. Mas em Poço da Gateira 1, temos 11 em 12 vasos como formas fechadas, 92%... E, se usarmos comparativamente esta informação num espectro mais alargado, parece claro que a subida de percentagens de formas abertas, já para não falarmos de formas específicas, indicia a entrada no III milénio das práticas funerárias em contexto megalítico.



Figs. 2 e 3 Aspectos da envoltória imediata da Anta 2 dos Cebolinhos.



Fig. 4 A Anta 2 dos Cebolinhos vista do acesso actual a partir do Monte.



Fig. 5 Aspecto da Câmara durante a escavação.

Se considerarmos assim a presença de valores altos de formas abertas como indícios de fases evoluídas do espólio votivo, então não sobra espaço para que se não defenda o carácter nitidamente evoluído de Cebolinhos 1.

Cebolinhos 3 apresenta bastantes fragmentos de elementos de construção e de outras pedras reutilizadas, o que dificulta uma caracterização pormenorizada (e que impediu a escavação dos Leisner). Cebolinhos 4 tem o Corredor aparentemente intacto, mas não se possui melhor informação e Cebolinhos 5, sem Corredor visível, com uma oliveira na Câmara, parecia por escavar.

Uma primeira caracterização de CBS-2

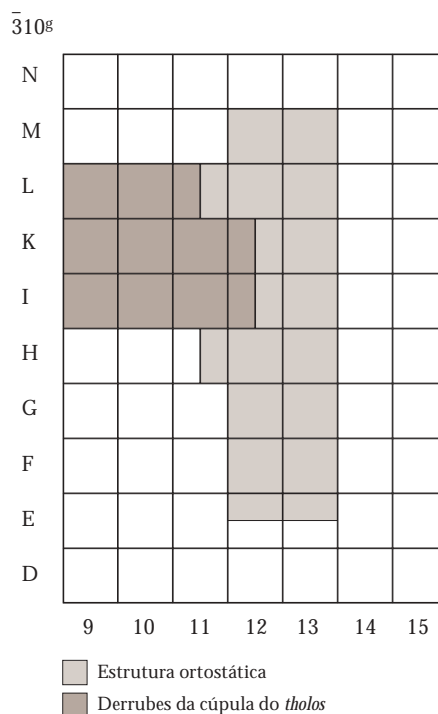
Uma grande anta, de Corredor longo ainda parcialmente coberto. A quantidade de lajes de xisto no exterior do monumento, do lado esquerdo do Corredor, indiciava a existência de um *tholos* anexo. A proximidade do povoado fortificado do Monte Novo dos Albardeiros (Gonçalves, 1988-89) pode, neste aspecto, ser sugestiva, se considerarmos as localizações erráticas dos lugares sepulcrais das sociedades de arqueometalurgistas e do processo de colectivização da morte que elas patenteiam (Gonçalves, 2000-2001, 2002b).

A quantidade de materiais recolhidos (pedra polida, pedra lascada) junto ao monumento, no *tumulus* e em áreas mais afastadas, poderia de algum modo traduzir o mau estado de conservação de Cebolinhos 2, mas estamos muito longe de certezas absolutas e o estudo da Câmara veio justamente evidenciar o contrário.

2. A anta 2 da Herdade dos Cebolinhos (CBS-2) e o *tholos* anexo (CBS-2b) CMP 482 (1988), UTM 29SPC X: 0632459, Y: 4250448

Nos inícios da Campanha de 1996, recolhera-se à superfície um fragmento de placa de xisto com decoração geométrica (Q.13-8). Nesta mesma área, isto é: na saída do Corredor, tinham sido já identificados, durante os trabalhos preparatórios de esta campanha (96.04.09), cinco fragmentos de placas de xisto com decoração geométrica e, em prospecções anteriores (1992), uma placa fragmentada. Esta colecção de artefactos votivos pode representar vestígios de uma antiga violação do Corredor, provavelmente do seu acesso.

A densidade da vegetação contrasta com o campo de trigo que rodeia parte do monumento.



CBS-2: quadrícula de referência rectificada em 1997

Estrutura megalítica

Tholos

Alguns aspectos do decurso dos trabalhos devem ser sublinhados:

1. Concentração de lajes de xisto imbricadas em K.10, verificando-se a extrema compactação da terra e a existência de alguns blocos de granito muito deteriorado, alguns transformados mesmo em areão;
2. em K.11 foi identificado um considerável número de lajes de xisto entre o 1.º esteio da Câmara e a primeira tampa do Corredor. Foi igualmente nesta área que se recolheu um fragmento de xisto gravado com linhas curvas paralelas entre si (P.17-1);
3. a imagem obtida após a decapagem dos quadrados I-K/9-10 e 11 é a de um derrube organizado de lajes de xisto, com alguns poucos blocos de granito. O derrube apresentava um aspecto grosseiramente circular e nele eram inicialmente visíveis lajes imbricadas, algumas conservando o aspecto de arcos horizontais. Entre estes, foi identificado um fragmento de bordo de cerâmica pré-histórica, L.17-2;
4. a geometria dos derrubes de topo de este monumento (CBS-2b), não é idêntica à estratégia de implantação de Farisoa 1b. As similitudes com Comenda 2b só podem ser efectivamente encontradas após escavação, sendo de referir as mesmas reservas a propósito dos processos construtivos usados em OP2b;
5. recolheu-se um seixo de talhe languedocense, L.18-1, praticamente à superfície, a um Z local inferior a 10 cm;
6. reflectindo sobre a acoplagem de *tholoi* a antas na região de Reguengos de Monsaraz, poderíamos referir que a ideia das Câmaras múltiplas, ideia presente na região de Huelva, é mais que perfeitamente compatível com a *imagem final* de monumentos como OP2b, Farisoa 1b ou Comenda 2b: *pode mesmo representar uma mesma imagem arquitectónica de um conjunto funcional de áreas funerárias múltiplas*;
7. a existência de uma linha delimitadora de blocos de granito entre a estrutura megalítica primitiva e o novo monumento parece corresponder a um padrão construtivo que os Leisner já tinham detectado em outros monumentos ortostáticos com *tholoi* acoplados. Essa estrutura parte do esteio 1 da Câmara e rodeia pelo exterior o traçado terminal do Corredor do lado direito. É uma questão que só poderá ser integralmente esclarecida com a escavação integral do monumento.

E ainda:

1. o actual diâmetro do derrube de lajes de xisto é de cerca de 3,40 m, o que pode indicar a dimensão em diâmetro da cúpula;
2. em K.11 (e também em K.10, ainda que menos evidente), está agora visível um aparente alinhamento de blocos de granito de dimensão média, que parece rodear este sector do monumento;
3. o derrube de lajes de xisto imbricadas concentra-se nos quadrados K e L.10: nos quadrados contíguos (coordenada 11) verifica-se uma maior concentração de blocos de granito. Os limites Sul do derrube do *tholos* apresentam-se pouco definidos;



Fig. 6 Aspecto do Corredor e das suas Tampas.



Fig. 7 Aspecto do topo do *tholos* com as lajes da falsa cúpula visíveis à esquerda.

4. verifica-se o aparecimento de um conjunto de blocos de granito que parecem formar uma pequena estrutura sub circular nos quadrados L.9 e 10 que parece prolongar-se nos quadrados L.11 e 12;
5. em todo o derrube está patente a inclusão de blocos de granito de dimensões pequenas/médias;
6. os arcos de círculo de lajes sobrepostas só são identificáveis na metade Este da estrutura;
7. a limpeza complementar dos derrubes nos quadrados Norte (parte Sul) e coordenada 9 evidenciou efectivamente os limites do derrube do *tholos*.

Estado geral dos trabalhos no fim da campanha de 1997 e caracterização provisória do monumento

Estado geral dos trabalhos em 97.10.13, 11:18 h

Os objectivos da segunda Campanha em CBS-2 foram quase todos praticamente conseguidos:

1. *Fixação definitiva de uma grelha de referência da Câmara e Corredor da anta.* Este desenho, aco-
plado ao do *tholos* CBS-2b, permite uma primeira planta integral do monumento, ainda que com limitações.

Com efeito, a planta do *tholos* foi obtida sobre os primeiros círculos de lajes da cúpula e a planta da sua Câmara só poderá ser obtida após a remoção das lajes fragmentadas. Também se registam limitações no Corredor do *tholos*, cujo percurso não é visível com clareza, não estando esclarecido o significado das pedras (ou topo de esteios?) de H.10-11. No que respeita à anta, a planta da Câmara foi desenhada a -66 cm do topo do esteio de cabeceira (ECm-4), pelo que a planta da área utilizável para os ritos funerários será certamente de maiores dimensões. Quanto ao Corredor, apenas se pode avançar uma dimensão máxima provável para o seu comprimento (9 m?), sendo visíveis 4 das suas tampas, estando as da área terminal *in situ*. As duas tampas da área inicial estão claramente deslocadas. Também deve ser assinalado que todo o Corredor parece ter muita terra e pedras soltas, que só após desenho poderão ser removidas. Apenas nessa altura poderemos descer e identificar os topos dos esteios do Corredor.

2. *escavação do exterior de ECm-4 e ECm-5, de forma a compreender o processo utilizado na construção da Câmara da anta.*

Aqui, o aparecimento de linhas de afloramento a cotas muito altas -187 cm do topo de ECm-4, parece indicar que os esteios foram cravados numa profunda depressão escavada no solo. Mas essa depressão não parece ser visível do exterior da Câmara, salvo talvez junto a ECm-5, sinal que os esteios podem ter sido directamente encostados à parede da vala. É visível uma sequência cromática nos perfis do corte, sendo a 1.^a camada o resultante da mistura da manta morta com as terras superficiais e atingindo uma espessura que varia entre 7 cm (junto aos esteios) e 15 cm. A cor oscila entre castanho escuro acinzentado (Munsell² 10YR 4/2, *dark grayish brown*) e castanho avermelhado (Munsell 5YR 4/3, *reddish brown*). A 2.^a camada, de espessura ainda não determinada, envolve um pico de afloramento de granito de grão fino e a sua cor varia de vermelho pálido (Munsell 10R 4/6, *weak red*) até vermelho (Munsell 10R 5/8, *red*).

Caracterização provisória do monumento

A anta 2 dos Cebolinhos é um complexo funerário megalítico constituído por uma Câmara e um Corredor megalíticos, a que se adossou, do lado esquerdo do Corredor, um monumento de falsa cúpula, um *tholos*, cuja tipologia permanece por determinar.

1. Câmara da anta

Constituída por 7 esteios, todos bem conservados, com algumas restrições, nomeadamente:

- topos mais ou menos fragmentados, mais em largura que em altura;
- posições ligeiramente alteradas em relação às originais, pelo efeito das fortes raízes de azinheira que removemos do interior e que estavam particularmente robustas entre ECm-6 e ECm-7. Claro que nada impede que outras raízes de outras azinheiras tivessem existido anteriormente a estas. Os esteios ECm-2 e ECm-4 parecem estar na sua posição original.

De sublinhar também que os esteios ECm-1 e ECm-7, simétricos, a estarem na sua posição original, configurariam, pelo seu paralelismo a ECm-4, uma Câmara quase rectangular. Mas esta imagem, obtida na parte dos esteios actualmente visível, pode ser alterada pelo progresso da escavação.

2. Corredor da anta

No actual estado, é impossível determinar o número de esteios que o compunha. São visíveis 4 tampas, em dois conjuntos de duas, de dimensões totalmente diferentes de conjunto para conjunto.

As duas tampas terminais (em I-K-12-13) são particularmente robustas e medem 212 x 170 cm e 305 x ? cm. As duas tampas iniciais (em G-H-12-13) medem respectivamente 152 x 68 cm e 161 x 81 cm (tal como os esteios, as tampas são sempre numeradas do início do Corredor para o seu fim, na junção com a Câmara. Não é ainda possível atribuir-lhes números, pelo facto de não sabermos se as que não estão visíveis existem ainda realmente ou foram removidas).

Sobre a última tampa antes da Câmara (em K-L-12-13), está o que pode ser uma cobertura suplementar da junção Câmara/Corredor ou um grande fragmento do chapéu da anta. Oculta parte da última tampa, pelo que dela registámos apenas a medida perpendicular ao eixo do Corredor. As dimensões desta pedra são 166 x 136 cm, aparentemente excessivas para uma tampa de Corredor.

Numerosas pedras estão soltas sobre o Corredor, indiciando despedregas ou violações. Após o desenho definitivo, serão removidas para permitir a escavação do topo do Corredor, que parcialmente ocultam.

De sublinhar que é de cerca do Corredor que são provenientes os fragmentos de placas de xisto recolhidos e cuja problemática tem vindo recentemente a ser objecto de estudo (Gonçalves, 2003a, 2003b).

3. O tholos

Os vestígios correspondentes à cúpula encontram-se actualmente em K-L-9-10-11, e não é possível determinar se o Corredor do *tholos* se entrosa no da anta, como nos *tholoi* de OP-2, ou se, como parece aqui mais provável, e à semelhança de Comenda 2b e Farisoa 1b, lhe é paralelo ou ligeiramente divergente.

Entre a Câmara da anta e a Câmara do *tholos* existem algumas pedras de reforço, de granito, com o aspecto de pilares de topo arredondado.

Nas coordenadas H.11, são visíveis os topos de duas ou três pedras de granito que podem eventualmente constituir parte da estrutura de acesso ao *tholos* ou de um qualquer espaço reservado, na sua entrada. Mas só a escavação poderá esclarecer as dúvidas referentes a esta questão.

Na descrição pormenorizada dos ortóstatos que integram monumentos megalíticos, quer na Câmara quer no Corredor, considere uma medição específica, a do afastamento angular do plano vertical teórico de cada esteio (medida-valor AV). Mas, na realidade, a medida AV não pode ser considerada um valor absoluto, uma vez que raramente os esteios se encontrariam, na origem, na vertical, exceptuando talvez, na Câmara, o esteio de cabeceira. No Corredor, onde a verticalidade dos esteios é, em muitos monumentos, um resultado da técnica construtiva, a medida AV pode indiciar com alguma precisão a deslocação dos esteios por pressões laterais devidas ao peso da estrutura tumular.

No caso da Câmara, a necessidade de suportar e distribuir o peso do chapéu determina um afastamento da vertical, de origem, com um significado próprio. De qualquer forma, e com as correcções especificadas, parece indispensável registar esta medida, particularmente útil quando se trata de monumentos cujo restauro implique a extracção e reposição posterior dos esteios, tal como será, se possível, o caso de OP2.

3. Duas datas absolutas para a última utilização da Câmara ortostática e algumas observações contextuais delas decorrentes

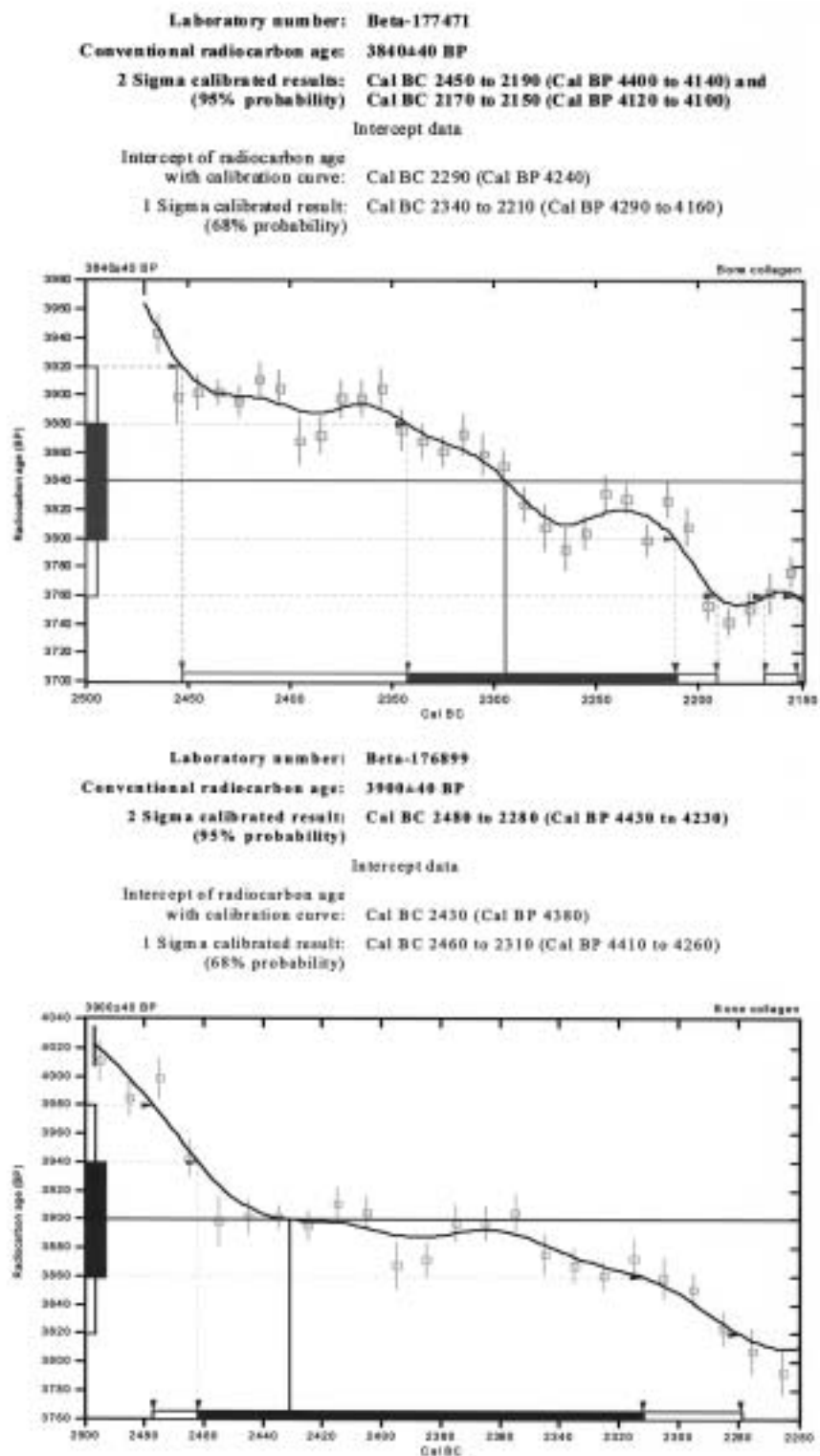
Cronologias absolutas

Dois ossos humanos, fragmentos de um rádio e de um úmero, foram datados no laboratório Beta Analytic Inc., Florida, U.S.A., tendo sido obtidos os seguintes resultados (ver também Fig. 9):

Ref.	Tipo de amostra	Registo, Origem e Coordenadas	$\delta^{13}\text{C}$ 0/00	Anos ^{14}C BP	cal BC, 1 σ	cal BC, 2 σ
Beta-176899	Osso humano	L.12-36a, Câmara, deposição fúnebre.	-20.1	3900±40	2460-2310	2480-2280
Beta-177471	Osso humano	L.12-36b, Câmara, deposição fúnebre	-19.8	3840±40	2340-2210	2450-2150

Os ossos encontravam-se no mesmo plano, associados a outros, pior conservados, e a um conjunto artefactual constituído por diversos fragmentos cerâmicos, dos quais os mais representativos foram representados nas Figs. 7 e 8.

Estatisticamente, os intervalos de tempo sobrepõem-se parcialmente, pelo que não é possível estabelecer qualquer diferenciação cronológica sobre as deposições. Se não foram simultâneas, correspondem em termos genéricos a um mesmo evento simbólico-funerário e nada o contradiz à partida.

Fig. 8 Gráficos ^{14}C para as duas datações já disponíveis.

Antropologia e sociedades

Os ossos humanos referem-se, segundo um pré-estudo de Paula Gunzburger, confirmado por Eugénia Cunha, a dois adultos e a uma criança, podendo, portanto, configurar um lugar funerário “familiar”, ainda que tal só pudesse ser definitivamente confirmado por análises de ADN, impossíveis no contexto de conservação destes ossos.

Apesar da diferença de tempos e, como veremos, de contextos arqueológicos votivos, esta deposição, que se ignora ter sido feita simultaneamente ou em sequência curta, mas de ritmos não determináveis devido à dimensão dos intervalos de tempo obtidos e à própria natureza das datações por radiocarbono, recorda, de algum modo, a verificada em STAM-3 (a Anta 3 da Herdade de Santa Margarida) para “Marta”, “Marco”, para o indivíduo não determinado Cm-4 e para o cão que os acompanhava.

Configura-se assim uma situação em que um monumento megalítico é reaproveitado, ainda dentro do III milénio, para deposições funerárias não colectivas, mas provavelmente “familiares”.

É talvez importante sublinhar-se desde já que só fragmentos de placas de xisto gravados surgiram associados a estas deposições fúnebres, apesar de tudo mais próximas que as de “Marta”, “Marco” e ECm-4 do termo que repetidas vezes tenho apontado para o seu uso (2500, a.n.e., em anos de calendário).

Cerâmicas e sociedades

O conjunto cerâmico recolhido é, singularmente, ao mesmo tempo, homogéneo e justificador de alguns comentários em detrimento de essa apreciação.

Assim, no que se refere às cerâmicas lisas, tanto L.12-17 como M.13-27 são formas comuns no III milénio, mas M.12-24 representa uma gama específica, a dos esferoidais globulares, bem conhecidos em STAM-3, até porque uma miniatura de esta forma foi usada como deposição votiva associada ao cão e datável, portanto, neste caso, dos dois últimos séculos do III milénio. No entanto, trata-se de uma forma comum em meados e nos primeiros séculos do milénio, que integra também os conjuntos de segunda fase das deposições no *tholos* OP-2b. Cujas cronologias prováveis são exactamente estas.

L.12-5, pela extraordinária robustez das suas paredes, quase parece uma réplica em cerâmica de um recipiente do mesmo tipo em calcário e um seu enquadramento cronológico mais preciso é difícil, sem outros auxiliares de referência.

L.12-45 é um fragmento de um vaso com decoração simbólica, parte do qual foi roubado pelos saqueadores do monumento na noite de sexta-feira 17 de Abril de 1997 ou na madrugada de 18, conjuntamente com alguns grandes fragmentos, um vaso inteiro e espólio indeterminado. Não apenas deve ser sublinhada a qualidade e consistência da pasta branca que preencheu as incisões como as grandes semelhanças com a cerâmica simbólica do povoado do Cerro do Castelo de Corte João Marques, no Alto Algarve Oriental (Fig. 8). Este sítio nunca foi datado, por absoluta inexistência de matéria orgânica, mas é claramente um povoado de arqueometalurgistas, com uma duração impossível de determinar, mas indiscutivelmente ao longo do III milénio (Gonçalves, 1989).

Em Reguengos de Monsaraz, conhecem-se, até ao momento, dois monumentos funerários com cerâmica simbólica, para além de CBS-2: a Anta 1 do Olival da Pega (Leisner e Leisner, 1951; Gonçalves, 1999a) e o Sepulcro 2 dos Perdigões (Valera et al., 2000).

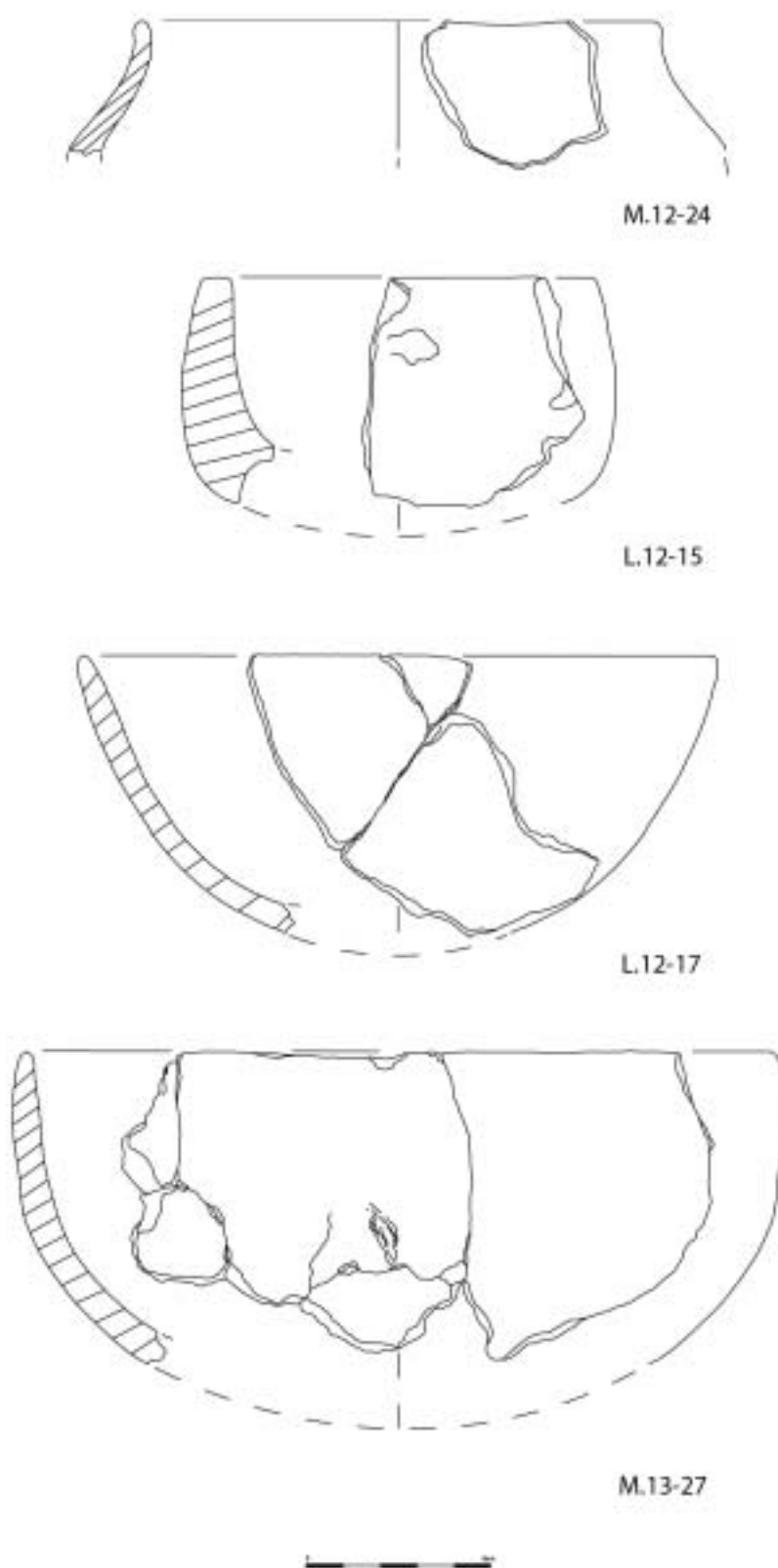


Fig. 9 Cerâmicas lisas da Câmara de CBS-2.

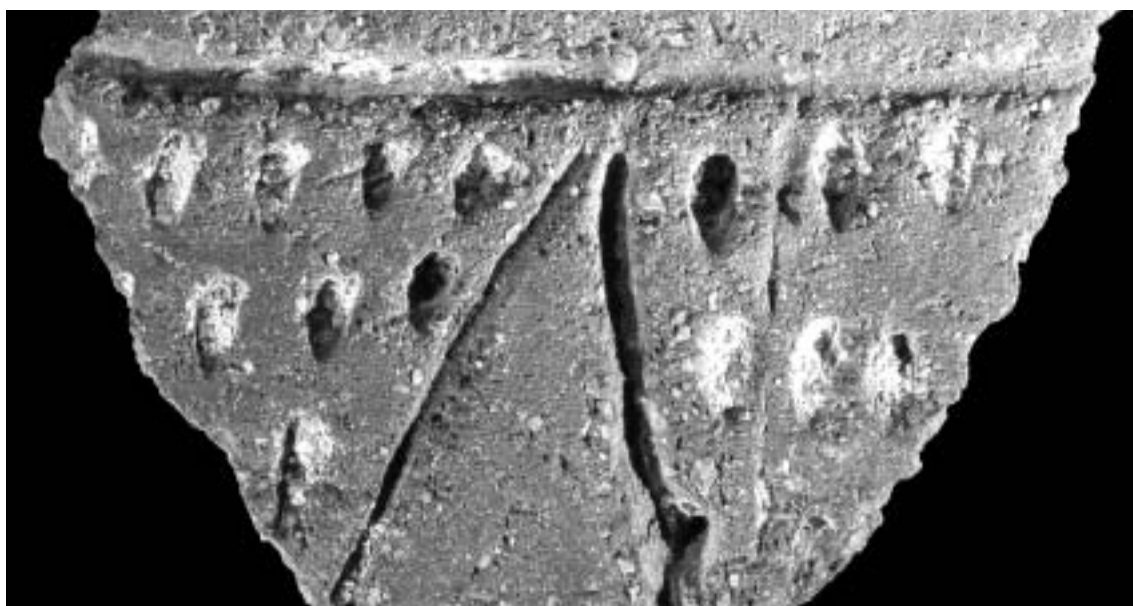
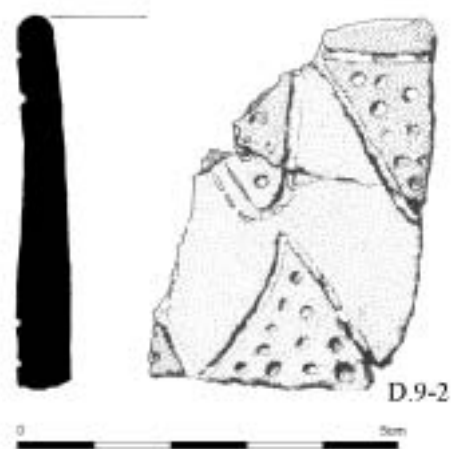
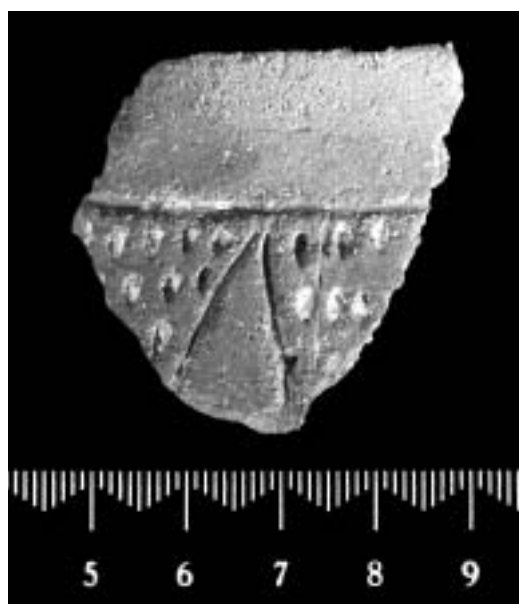
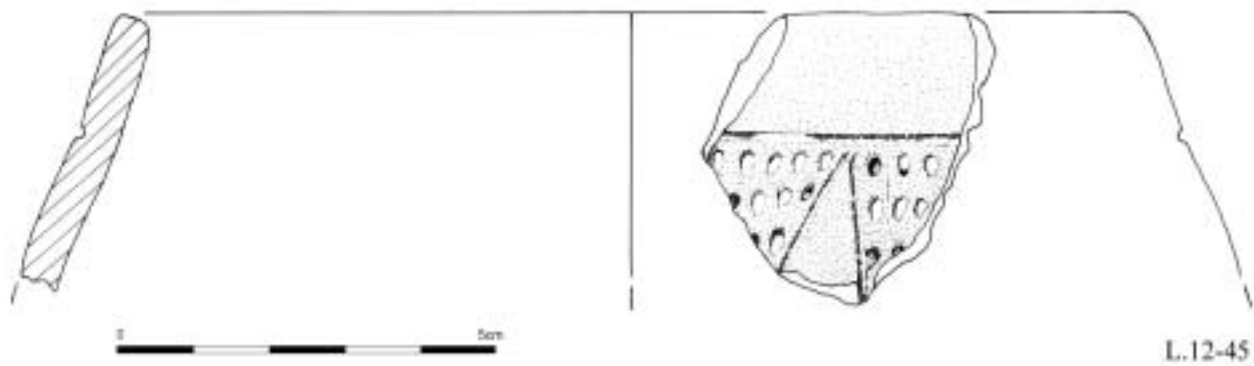


Fig. 10 Cerâmica simbólica de CBS-2 (L.12-45) e fragmento similar do Cerro do Castelo de Corte João Marques (D.9-2).

Na sequência dos dados obtidos através da análise artefactual e das estruturas já legíveis, é possível propor uma sequência para as construções e uso dos espaços da morte de Cebolinhos 2:

Fase 1: construção e primeira utilização do monumento, talvez nos últimos séculos do IV milénio;

Fase 2: utilização do monumento por portadores das placas de xisto gravadas;

Fase 3 (construção e utilização do *tholos*);

Fase 4: deposição “familiar” na Câmara (já cheia ou entulhada) do monumento ortostático.

Se as Fases 1 e 2 existem separadamente, ou são uma só, se o tholos tem apenas uma fase de utilização, ou esta se distribuiu por vários momentos, tal apenas será possível de determinar com a escavação integral do monumento.

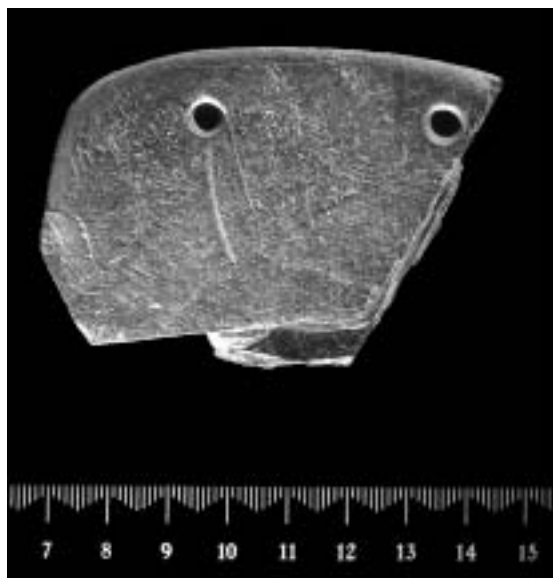
Tholoi e monumentos ortostáticos em Reguengos de Monsaraz

Uma análise repetidas vezes feita a informações tradicionais demonstrou que nem sempre elas são fiáveis, ainda que pareça cada vez mais importante verificá-las uma a uma no terreno.

Os Leisner apontavam como pistas para *tholoi* anexos a antas a presença de lajes de xisto junto às Câmaras graníticas. Num breve quadro, veja-se o que foi, até ao momento, possível de confirmar:

Lista das antas com xisto no <i>tumulus</i> , segundo Leisner e Leisner, 1951		
Designação	Leisner	Comentário
Azinheira 1	015	Dinamitada.
Barrocal 9	061	Destruída?
Cebolinhos 2	104	<i>Tholos</i> em escavação (Victor S. Gonçalves).
Chaminé 1	073	Em realocização.
Comenda 1	035	Violações antigas, escavação parcial pelos Leisner.
Comenda 2	036	<i>Tholos</i> escavado (Leisner).
Comenda 3	037	Em realocização.
Farisoa 1	111	<i>Tholos</i> escavado (Leisner).
Farisoa 5	115	Em realocização.
Farrapa 1	018	Destruída em 1948.
Mancebos 3	008	Destruída?
Olival da Pega 1	050	<i>Tholos</i> provável.
Olival da Pega 2	051	Três <i>tholoi</i> escavados (Victor S. Gonçalves).
Passo 2	083	Em verificação. Monumentos recentemente destruídos nesta Herdade.
Passo 3	084	Em verificação. Monumentos recentemente destruídos nesta Herdade.
Passo 4	085	Em verificação. Monumentos recentemente destruídos nesta Herdade.
Piteiras 1	043	Perto do Castelo do Azinhalinho. Parcialmente destruída?
Xarez 1	068	Escavada (Victor S. Gonçalves), sem <i>tholos</i> , mas com materiais do III milénio.

Deste Quadro, resulta particularmente clara a situação de Xarez 1, integralmente escavada, mas sem qualquer monumento acoplado, apesar de lajes de xisto, duas particularmente espessas, terem sido confirmadas por escavação.



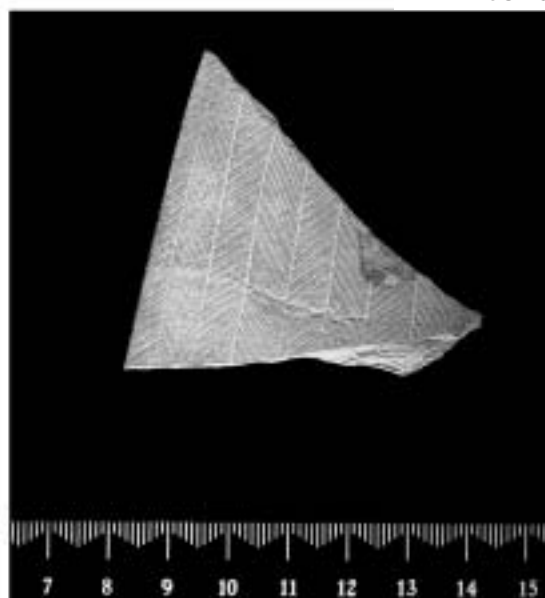
SUP-2



SUP-4



M.13-8



SUP-3

Fig. 11 Fragmentos de placas de xisto gravadas provenientes de CBS-2. Não é impossível que SUP-2 tenha feito parte de uma placa recortada, mas são muito raras as de cabeça anepígrafa, como é o caso. SUP-4 fez parte de uma placa com Cabeça muito provavelmente alta e larga, com 5 + 5(?) faixas preenchidas oblíquas e com uma faixa vazia como Separador entre a Cabeça e o Corpo. M.13-8 (ver também ampliação na Fig. seguinte) apresenta triângulos preenchidos com oblíquas paralelas (e não por quadrícula, como é habitual), tal como alguns da face da placa J.8-667 da Anta 3 da Herdade de Santa Margarida. SUP-3 apresenta a rara decoração «em espinha» também designada por linhas zigzagueantes com compartimentação vertical.

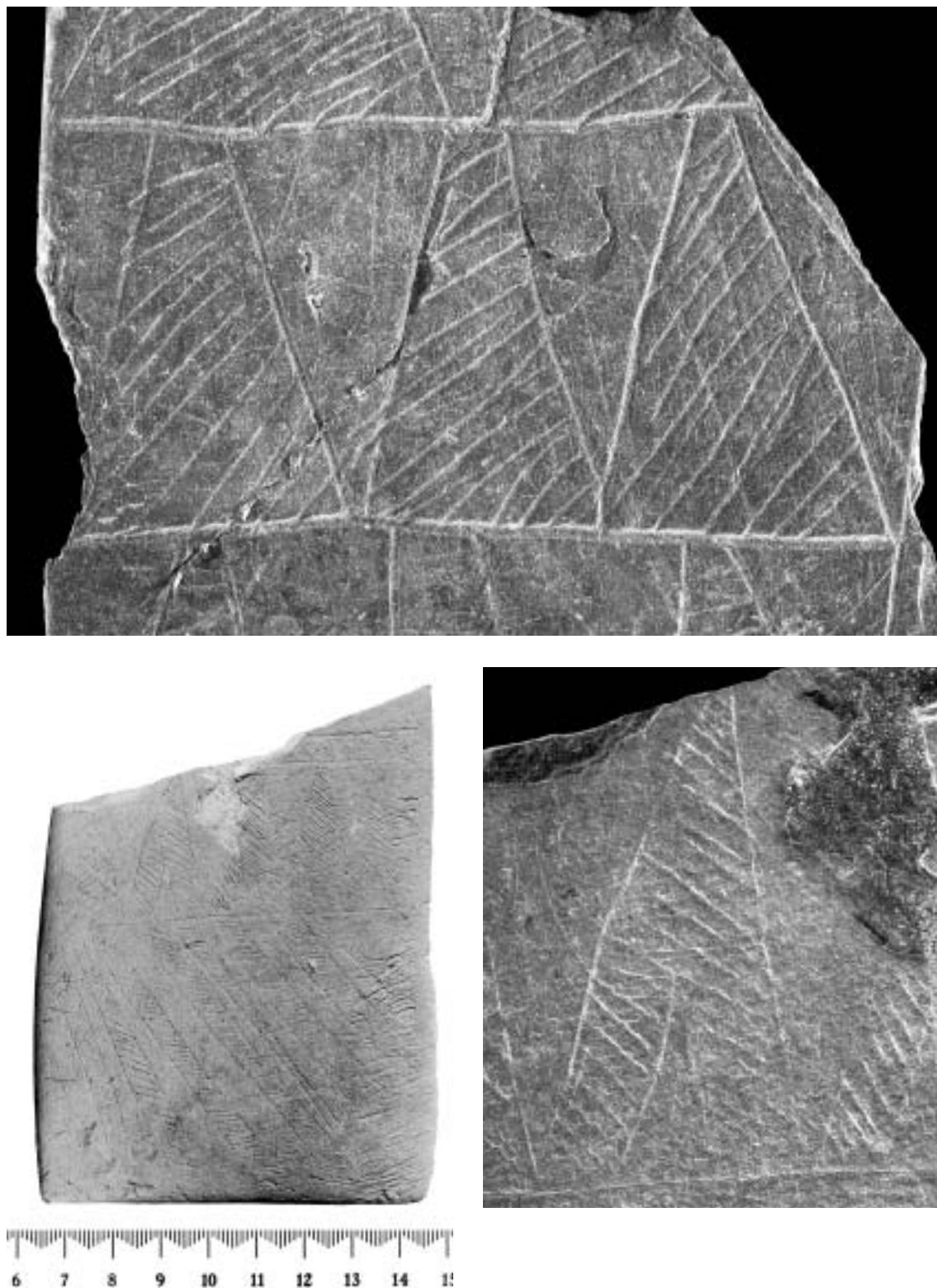


Fig. 12 (em cima) Detalhe da placa M.13-8, com pormenores do padrão de preenchimento dos triângulos. Em baixo, à esquerda, placa L.13-14, com imagem invertida para sublinhar a decoração, muito apagada. À direita, pormenor, evidenciando o triângulo preenchido com outro vazio dentro, comum em vários monumentos da região de Évora.

Cronologias e sociedades

A cronologia do megalitismo do Centro e Sul de Portugal tem recentemente vindo a ser objecto de revisão crítica, sobretudo com a chegada de novas datações radiocarbónicas. Após textos genéricos de grande importância (Soares e Cabral, 1984, 1993) a publicação de datações para o *tholos* OP-2b, para a Anta 2 e para a Anta 3 da Herdade de Santa Margarida, em Reguengos de Monsaraz (Gonçalves, 1996 [2003], 2001a, 2001b, *no prelo*) vieram renovar a discussão em torno à cronologia absoluta para a construção e utilização dos espaços da morte das antigas sociedades camponesas.

Sabe-se hoje que o grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz está longe de ser tão homogéneo e tão antigo como se pensara e alguns trabalhos recentes sobre o seu limite oriental vieram reforçar esta ideia (Gonçalves, 1999b, 2002a; Gonçalves e Sousa, 2003).

Como sempre, ideias adquiridas, sobretudo a partir da chuva de datações pouco ou mesmo nada fiáveis provenientes de outros grupos megalíticos, apressada e acriticamente propagandeadas, começam a ser substituídas por dados que, eles, foram extraídos de contextos de datação directa (ossos humanos e não carvão descontextualizado).

Na verdade, o baile nem sequer ainda começou, mas a agenda de debute já está cheia...

Lisboa, Primavera de 2003

NOTAS

¹ Unidade de Arqueologia (UNIARQ)
Faculdade de Letras
P-1600-214 Lisboa
vsg@mail.doc.fl.ul.pt

² *Munsell soil color charts*. Revised edition, New Windsor (USA): 1994.
Observação com luz forte directa, céu sem nuvens, 14:55 h,
confirmada por três outros notadores na percentagem de
fiabilidade de 75%, com o desvio de 25% situado no grau de
chroma imediatamente inferior.

BIBLIOGRAFIA

- GONÇALVES, V. S. (1989) - *Megalitismo e metalurgia no Alto Algarve Oriental. Uma aproximação integrada*. Lisboa: UNIARQ-INIC. 2 vols.
- GONÇALVES, V. S. (1992) - *Reverendo as antas de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: UNIARQ/INIC.
- GONÇALVES, V. S. (1995) - O grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz: procurando algumas possíveis novas perspectivas, sem esquecer as antigas. In *O Megalitismo no Centro de Portugal: Mangualde, Nov. 1992*. Viseu: Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira-Alta, p. 115-135. [Actas do colóquio, Nov. 1992].
- GONÇALVES, V. S. (1996) [2003] - Pastores, agricultores e metalurgistas em Reguengos de Monsaraz. *OPHIUSSA*. 0. Lisboa, p. 77-96.
- GONÇALVES, V. S. (1988/89) - A ocupação pré-histórica do Monte Novo dos Albardeiros (Reguengos de Monsaraz). *Portugalia*. Porto. Nova Série, 9-10, p. 47-60.
- GONÇALVES, V. S. (1999a) - *Reguengos de Monsaraz, territórios megalíticos*. Reguengos de Monsaraz: Câmara Municipal.
- GONÇALVES, V. S. (1999b) - Time, landscape and burials. 1. Megalithic rites of ancient peasant societies in central and southern Portugal: an initial overview. *Journal of Iberian Archaeology*. 1. Porto.
- GONÇALVES, V. S. (2000-2001) - O trigo, o cobre, a lã e o leite: um guia bibliográfico e uma curta introdução às sociedades camponesas da primeira metade do 3º milénio no Centro e Sul de Portugal. *Zephyrus*. Salamanca. 53-54, p. 273-292.
- GONÇALVES, V. S. (2001a) - A anta 2 da Herdade de Santa Margarida (Reguengos de Monsaraz). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 4:2, p. 115-206.

- GONÇALVES, V. S. (2001b) - As antas da Herdade de Santa Margarida (Reguengos de Monsaraz). *Almadan*. Almada. 2.ª Série, 10, p. 204-207.
- GONÇALVES, V. S. (2002a) - Intervenções arqueológicas em monumentos do Grupo Megalítico de Reguengos de Monsaraz na área a inundar pela Barragem de Alqueva. Um ponto da situação em fins de 2001. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 5:1, p. 39-65.
- GONÇALVES, V. S. (2002b) - Cobre, RPS e Fortificações no Centro e Sul de Portugal (ontem, hoje, e talvez amanhã, numa perspectiva pessoal). *Arqueologia e História*. Lisboa. 54, p. 87-102 [Arqueologia 2000. Balanço de um século de Investigação Arqueológica em Portugal].
- GONÇALVES, V. S. (2003a) - Sítios, "Horizontes" e Artefactos, estudos sobre o 3º milénio no Centro e Sul de Portugal. 2ª edição revista e ampliada do texto de 1995. Cascais: Câmara Municipal.
- GONÇALVES, V. S. (2003b) - Manifestações do sagrado na Pré-História do Ocidente Peninsular. 4. "A síndrome das placas loucas". *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 6:1, p. 131-157.
- GONÇALVES, V. S. (no prelo) - STAM-3, A anta 3 da Herdade de Santa Margarida (Reguengos de Monsaraz). Lisboa: Instituto Português de Arqueologia [Trabalhos de Arqueologia].
- GONÇALVES, V. S.; CALADO, M. (1990-91) - A necrópole da Idade do Bronze do Monte dos Cebolinhos (S. Pedro do Corval, Reguengos de Monsaraz). Notícia da sua identificação. *Portugalia*. Porto. Nova Série. 11-12, p. 143-147.
- GONÇALVES, V. S.; SOUSA, A. C. (2000) - O grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz e a evolução do megalitismo no Ocidente Peninsular (espaços de vida, espaços da morte: sobre as antigas sociedades camponesas em Reguengos de Monsaraz). In *Muitas antas, pouca gente? Actas do I Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 11-104.
- GONÇALVES, V. S.; SOUSA, A. C. (2003) - Novos dados sobre as práticas funerárias das antigas sociedades camponesas em Reguengos de Monsaraz: o limite oriental. In *Muita gente, poucas antas. Origens, espaços e contextos do megalitismo. Actas do 2º Colóquio Internacional sobre Megalitismo (Reguengos de Monsaraz, 2000)*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (Trabalhos de Arqueologia; 25), p. 195-221.
- GONÇALVES, V. S., ed. (2000) - *Muitas antas, pouca gente. Actas do 1º Colóquio Internacional sobre megalitismo*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. [Trabalhos de Arqueologia; 16].
- GONÇALVES, V. S., ed. (2002) - *Muita gente, poucas antas? Origens, espaços e contextos do megalitismo. Actas do 2º Colóquio Internacional sobre megalitismo*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. [Trabalhos de Arqueologia; 25].
- GONÇALVES, V. S.; CALADO, M.; ROCHA, L. (1992) - Reguengos de Monsaraz: o antigo povoamento da Herdade do Esporão. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 9-10, p. 391-412.
- LEISNER, G.; LEISNER, V. (1951) - *As Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura (reeditado pelo INIC/UNIARQ, Lisboa, 1985).
- SCHUBART, H. (1973) - Tumbas megalíticas con enterramientos secundarios de la Edad del Bronce de Colada de Monte Nuevo de Olivenza. In *XII Congreso Nacional de Arqueología*, p. 175-191.
- SOARES, A. M.; CABRAL, J. M. P. (1984) - Datas convencionais de radiocarbono para estações arqueológicas portuguesas e a sua calibração: revisão crítica. *Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV. 2, p. 167-214.
- SOARES, A. M.; CABRAL, J. M. P. (1993) - Cronologia absoluta para o Calcolítico da Estremadura e do Sul de Portugal. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 33:3-4, p. 217-226.
- VALERA, A., [et al.] (2000) - Ambientes funerários no complexo arqueológico dos Perdigões. *Era-arqueologia*. Lisboa. 2, p. 84-105.